

A grade e a pulsão de verdade*

Giuseppe Civitarese**, Pavia

Bion foi o primeiro a expressar insatisfação pela grade. No entanto, atribuiu-lhe um papel central em alguns dos seus escritos mais importantes. De fato, a grade não se mostra útil aos fins para os quais foi criada (registrar a sessão, aumentar a capacidade de observação do analista etc.), mas para compreender e ampliar o pensamento de Bion. Com intuitiva presteza, a grade permite visualizar a estreita dialética entre os vários conceitos da sua teoria da mente. Em particular a coluna 2, oportunamente reinterpretada por Grotstein como a coluna do sonho, ajuda a captar o significado que Bion atribui à pulsão de verdade.

Palavras-chave: Bion, coluna 2, função α , grade, mentira, pulsão de verdade.

* Trabalho premiado publicado primeiramente na *Rivista di Psicoanalisi*, 58:335-360 (2012).

** Membro associado da Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI) e membro da American Psychoanalytic Association (APsA) e da International Psychoanalytic Association (IPA).

“A verdade transparece através de uma experiência emocional e quase carnal, na qual as ‘ideias’ – as do outro e as nossas – são como que traços da sua fisionomia e da nossa, e, mais do que compreendidas, são acolhidas ou rejeitadas, no amor ou no ódio”¹ Merleau-Ponty (1964).

Discorrendo sobre amenidades com um amigo, deixo escapar que estou pensando em escrever sobre a *grade* de Bion. Repentinamente vejo que ele assume uma expressão entre perturbada e irônica. Depois imediatamente associa *grad* a *gritos*. *Quem* grita? O que exprime essa imagem? De fato, por que também entre os estudiosos e os leitores de Bion a *grade* goza dessa péssima fama? Por que é vista como o ápice da frustrante tendência de Bion à especulação abstrata? O que é realmente a *grade* de Bion, a *famigerada grade*? A cruz de seus leitores? Uma invenção genial? Um inócuo passatempo para o analista depois da sessão? O seu cubo de Rubik? E ainda, assemelha-se mais à tabela periódica dos elementos, a um diagrama cartesiano, ao jogo de batalha naval, a um tabuleiro de xadrez, ou a um mapa militar? Enfim, qual é o significado da *misteriosa* coluna 2? É a coluna da mentira ou do sonho? E o que pode nos dizer a respeito da *pulsão de verdade*, que Grotstein (2007) identifica como sendo o princípio-chave de toda a obra de Bion?

Neste trabalho gostaria de responder a tais perguntas partindo do fascínio e da leve sensação de desconforto que eu também sempre experimentei por este instrumento. Na primeira parte examino como a *grade* é feita. Com certa liberdade de imaginação, procuro dar-lhe uma representação dinâmica e em relevo. Justamente porque permite visualizar imediatamente a estreita dialética que intercorre os vários conceitos de Bion, a *grade* presta-se para fazer surgir novas hipóteses de interpretação. Na segunda parte do texto detenho-me no significado da coluna 2. A minha tese de fundo é que, à luz da feliz intuição de Grotstein (2007) que a reinterpreta como a coluna do sonho, ela pode servir para iluminar um ponto central para a teoria do pensamento de Bion: os conceitos de verdade e de *pulsão de verdade*. Em minha opinião, a *grade* nos oferece uma perspectiva fascinante sobre como se articulam sonho, conhecimento e verdade.

¹ N.T.: Tradução nossa.

É bastante difundida certa ambivalência em relação à *grade*. Impressiona a desenvoltura com a qual às vezes ela é aniquilada ou olhada com descaso, se pensarmos que Bion a colocou no centro de nada menos do que dois dos seus esplêndidos livros, *Elementos da psicanálise* (1963) e *Transformações* (1965), que ele lhe reservou um espaço significativo na abertura de *Atenção e interpretação* (1970) e que lhe dedicou outros dois breves mas incisivos ensaios.

O primeiro, *A grade*, é de 1963, ainda que tenha sido publicado muito depois, em 1997 (Bion, 1997). Por uma espécie de brincadeira do destino, dadas as inúmeras reservas com que seria acolhido, o ensaio foi escrito para criar uma espécie de língua franca que ajudasse a resolver a controvérsia entre os kleinianos e os freudianos de Londres (Grotstein, 2002; 2007; Charles, 2002). O esforço de abstrair elementos comuns dos conceitos-chaves das teorias psicanalíticas mais respeitadas permitiria aos analistas de diferentes orientações discutirem entre si sem deixar-se transportar demais pela paixão. Bion não se propunha absolutamente a construir uma enésima teoria, mas sim uma metateoria, pois estava interessado na teoria da observação em psicanálise. Queria mapear um terreno conceitual comum. O único caminho que lhe pareceu percorrível, como fez Propp (1928) no seu estudo sobre a morfologia da fábula, foi definir os elementos, os objetos e as funções contempladas em várias acepções nos principais modelos existentes. O segundo artigo é de 1971 e foi publicado no Brasil somente em 1977 (Bion, 1977). Vamos ver agora como é construída a *grade*. Informo que, por motivos de espaço, tenho que considerar como ponto pacífico certa familiaridade do leitor com os elementos básicos do pensamento de Bion.

A grade

A *grade* é feita de linhas verticais que, cruzando-se com linhas horizontais, recortam sobre um plano certo número de quadrados como acontece nas palavras cruzadas. Temos assim oito fileiras e sete colunas, em um total de cinquenta e seis quadrados (*continentes*; Grotstein, 2007). As fileiras horizontais são marcadas à esquerda, procedendo-se do alto para baixo, com as letras de A a H. Cada letra remete a um conceito-chave da teoria da mente de Bion; por ordem: elementos β (A), elementos α (B), mito-sonho-pensamento onírico (C), pré-concepção (D), concepção (E), conceito (F), sistema dedutivo científico (G), cálculo algébrico (H). As sete colunas verticais são marcadas por números, aos quais correspondem as seguintes categorias: hipótese definidora (1), Ψ (2), notação (3), atenção (4), investigação (na primeira versão de 1997, a da conferência de 1963, essa coluna

era chamada Édipo) (5), ação (6), ...*n*. Cada quadrado (cada *gaveta*, se o imaginarmos em 3D), portanto, é identificado por uma letra maiúscula e por um número cada vez que uma fileira cruza uma coluna.

O eixo vertical expressa níveis crescentes de complexidade do pensamento, do plano mais concreto ao plano mais abstrato e assim resume em si a filo e a ontogênese do sujeito. Da matéria, isto é, graças ao trabalho de dessensorialização/desconcretização/abstração (de *ābs = de e trāhere = tirar*, Cortellazzo & Zolli, 2008) dos elementos β realizado pela misteriosa função α , passa-se a elementos α , isto é, a imagens ou pictogramas visuais, auditivos, sonoros, táteis, olfativos e depois aos pensamentos oníricos e, então, aos conceitos e aos números. Trata-se de um trabalho minucioso e paciente de subtração das diferenças entre termos dependentes entre si ou contíguos e, ao mesmo tempo, de transferência de outros elementos: no grau zero, em minha opinião, por contato (nos termos da retórica, por metonímia, talvez o mecanismo psicológico mais elementar que conseguimos conceber) e depois por analogia, ou seja, por metáfora. A coluna, portanto, é o vetor de assimilação ou interpretação dos dados sensíveis, da digestão do *quantum* de real (a coisa em si mesma, *O*, o Divino, o infinito etc.) é necessário para formar o pensamento.

A ideia fundamental de Bion é que, para poder tornar-se alimento para a mente, para entrar no processo antientrópico de autopoiese de um sistema vivo, a realidade ultra ou infrassensível (*O*) precisa antes ser *cozinhada*, ou seja, tornada pessoal. Como escreve Grotstein:

Somos *O* e isso nos aterroriza; daqui nasce a necessidade de um par de “óculos de sol” voltados para o interior, que permitem atenuar a iluminação e consentem a camuflagem. *O* é o Real. O que pensamos experimentar é uma “realidade virtual”, uma Realidade “impregnada de virtudes” (“limpa”) através das refrações da fantasia [*phantasy*], da imaginação, da ilusão e da simbolização que nos deixa com um “Real” (*O*) “cozido” adequado à nossa tímida digestão (Grotstein, 2007, p. 141).

O eixo horizontal da *grade* apresenta, ao contrário, os *usos* que podem ser feitos dos elementos β , em vários níveis de agregação e complexidade, de A1 a F1, ou seja, dos diversos *pratos* que foram cozidos na coluna 2. A área da hipótese definidora é o supermercado onde são comprados os alimentos (a interface com *O*), a área da coluna 2 (C2), a cozinha do restaurante. Às vezes os alimentos crus do rancho não podem ser utilizados, ou seja, os elementos β não conseguem ser mentalizados e tomam o caminho da evacuação na ação ou no corpo. Conseqüentemente colocam-se em A6. São elementos β que C2 não consegue transformar. Por exemplo, na fileira 1, os elementos β , “elementos como um

sobressalto repentino que, embora ligados ao pensamento, não são contudo pensamentos” (Bion, 1977, p. 41), transformam-se em ação sem passar pelo pensamento ou pela memória semântica; de fato, os quadrados 4, 5 e 6 estão vazios. Porém, por experiência e por intuito, sabemos que podem ser memorizados nos sistemas de arquivamento da memória implícita como esquemas sensório-motores e, portanto, a rigor, não existem elementos β *puros*. Também segundo Grotstein (2007), o bebê nasce como *indivíduo semiótico*, já dispõe de uma função α rudimentar (hereditária), semelhante à gramática gerativa de Chomsky (1968). Ele considera os elementos β como elementos produzidos por essa função, mas rejeitados pela mente e degradados, restos *impessoais e não reivindicados* da experiência. Assim se explicaria por que, a propósito da transformação $\beta \rightarrow \alpha$, Bion inverte a ordem alfabética de sucessão das letras.

As categorias em abscissa também expressam níveis crescentes de sofisticação e resumem filo e ontogênese, desta vez, no uso. No nível mais avançado há a ação. Às vezes concebemos a ação em oposição ao pensamento, mas essa não é sempre uma concepção correta. O que faz a diferença é se a ação passa pelo filtro do pensamento (que encontramos nas fileiras baixas da *grade*) ou se permanece segregada na fileira A; nesse caso, seria uma ação irreflexiva ou impulsiva. É o pensamento, talvez, enquanto apenas uma ação experimental, uma pré-concepção com respeito à ação que modifica o ambiente em sentido adaptativo (a *ação específica* de Freud), ou então uma *ação* no mundo interior através da qual se modificam esquemas de comportamento preexistentes com base em novas experiências.

Grating

Bion sugeriu usar a *grade* para registrar os dados da sessão e para melhorar a capacidade de observá-los. Na verdade, convém desvencilhar-mo-nos logo da ideia de que a *grade* possa ter qualquer utilidade prática. Exercitar-se etiquetando os fatos da análise durante a sessão significaria renunciar à condição mental de capacidade negativa sugerida justamente por Bion, ao estado de *naïveté* ou de *fé* que permite ver o paciente a cada sessão como se fosse a primeira vez (Bion, 1978). Seria também mais difícil encontrar uma linguagem autêntica (*efetiva*) para comunicar-se e usar disciplinadamente a intuição. Haveria o risco de identificar-se com o paciente só conscientemente, de compreendê-lo racionalmente e de limitar-se à análise dos fatos da realidade material.

Pretender comprimir em uma série de quadradinhos a complexidade daquilo que acontece na sessão é uma empreitada fadada ao fracasso. As ocorrências durante a análise são sempre supradeterminadas, pluridimensionais, ambíguas. Deixam-se captar somente *a posteriori* e nunca de forma total. O jogo da análise consiste em um constante diferimento do sentido. Mais do que o conceito de *polissemia*, que implica sempre a expectativa de se exaurir o seu espectro de extensão, o conceito que exprime de maneira mais precisa como se constrói o sentido na análise e como depois ele *escorrega* continuamente sem nunca cristalizar-se, é o conceito derridiano de *disseminação* (Derrida, 1972). O neologismo derivado de *sema* e *semen* introduz um princípio de contingência do significado que radicaliza o conceito freudiano de *Nachträglichkeit*: qualquer texto gera sempre novas leituras, embora nem todas sejam corretas, porque o contexto é inevitavelmente diferente a cada vez.

A *grade* não pode ser usada nem como instrumento para a *ginástica mental* do analista *depois* da sessão (Bion, 1978). Nada pode suscitar mais tédio do que os trabalhos em que se pretende esquematizar o andamento de uma sessão encaixando os fatos que a pontualizaram nas categorias da *grade*, a qual, nesse caso, funciona, contraditoriamente, como uma *grade negativa* (ver *infra*). Sobre esse aspecto o próprio Bion com o tempo tornou-se bastante pessimista. De fato, costumava dizer que o problema da *grade* era a própria *grade*. Ademais, ele considerava que qualquer relato é infiel e que o seria ainda mais se se usasse um sistema mecânico de registro. Em última análise, Bion estava profundamente consciente do fato de que a experiência da análise deixa-se captar só esteticamente² (Bion, 1967). Eu acrescentaria, só no relato subjetivo do analista, mas que, nem por isso, é falso, porque é um sonhar novamente³ a sessão e, portanto, resumir conscientemente e inconscientemente os seus aspectos mais *verdadeiros*.

O uso mais proveitoso que se pode fazer da *grade* é, na verdade, o de entender Bion e expandir a sua teoria. Poderíamos vê-la, por exemplo, como o equivalente da célebre fórmula einsteiniana que exprime a relação entre energia, massa e velocidade da luz. Isto é, a *grade* também se apresenta como a síntese genial e não privada de qualidades estéticas de uma teoria com uma estrutura extremamente articulada e que muitos analistas consideram difícil de captar no seu verdadeiro significado. Como observa o próprio autor: “A imagem visual [...] tem um grande poder de comunicação lateral” (Bion, 1978, p. 65). Se olharmos

² Ver Bion: “A exposição do caso clínico é uma história como outra. Caso o relato contenha certas qualidades artísticas, não seria absolutamente despropositado julgar que o seu grau de aproximação à verdade seja superior ao grau presente em uma fiel transcrição dos fatos” (1967, pp. 185-186).

³ N.T.: No original *risognare*.

em conjunto os elementos da psicanálise que a *grade* oferece, afloram aspectos implícitos e mesmo surpreendentes do seu pensamento, aspectos que não são tão evidentes quando apresentados de forma discursiva.

Se, ao contrário, colocamos a ênfase na natureza insaturada dos elementos (conceitos) que ela contém, por analogia a *grade* nos apareceria como um quadro abstrato. Ao contemplá-lo, cada um poderia descobrir nele figuras significativas, fazendo com que se destacassem de um fundo caótico e indistinto e submetendo-as depois, como acontece no exame de um protocolo de Rorschach, a um processo de validação consensual. De resto, como ocorre com muitos quadros de arte informal para os quais o autor quer conservar a maior abertura possível de sentido, para muitos dos conceitos de Bion poderíamos atribuir a mesma etiqueta de *Sem título*.

Se empregarmos uma noção presente entre os seus próprios elementos constitutivos, a *grade* pode ser considerada uma pré-concepção à espera de várias possibilidades de realização, um dispositivo teórico suficientemente *aberto* e não somente *tecnológico* (Charles, 2002), pois ajuda a fazer com que surjam novos pensamentos e novas intuições. Nasce daqui a sugestão de Bion de ampliar algumas de suas partes, ou de serem criadas grades diferenciadas. Devido a esta sua estrutura aberta, a *grade* ilustra o significado que, para Bion, tem o conceito de *fé*. Como já mencionei, esse conceito não implica nenhuma concessão ao misticismo, mas, ao contrário, resume a aptidão mental de quem se dá o tempo de deixar aflorar imagens da oficina sempre aberta do pensamento inconsciente. Para Bion a *fé* é um conceito ou um instrumento científico, como o *epochè* para Husserl. É outro nome para a paciência que o analista deveria ter de esperar que se apresente um fato escolhido (uma imagem, uma ideia, ou uma emoção) para ordenar o caos e, ao mesmo tempo, para a confiança de que, cedo ou tarde, isso vai acontecer. Ter *fé* na sessão significa entregar-se à visão binocular (consciente-inconsciente) da função psicanalítica da personalidade (evidentemente aqui estou tentando aplicar esse princípio à descrição e à interpretação da própria *grade*).

Também seria interessante comparar a *grade* com alguns dos mais famosos mapas da psique desenhados por Freud. Mais do que compartimentos da mente, a *grade* representa atividades, funções, transmutações. Nos esquemas gráficos de Freud da primeira tópica, os vários conteúdos são definidos com base na posição que ocupam nos compartimentos *ics*, *cs* ou *precs*, e as transferências de um compartimento para o outro devem superar a barreira das duas censuras psíquicas. O sistema de eixos cartesianos da *grade*, ao invés, não especifica nenhum conteúdo de forma tão definitiva. Tudo é mais líquido e está em movimento. No lugar de províncias psíquicas pré-definidas encontramos fluxos de energia, como em um

“primitivo esquema de interruptores e cabos elétricos” (Bion, 1978, p. 76). Como sabemos, para Bion a psicanálise pertence ao campo das transformações.

Todavia, destes fenômenos extremamente dinâmicos, a *grade* dá sempre uma representação estática. Por isso parece complicada para os leitores de Bion. Seria menos se fosse possível vê-la *funcionando*. Para tornar essa possibilidade concreta seria preciso ter um modelo animado da *grade*. Então seria possível visualizar as rápidas passagens das partículas subatômicas dos elementos a de uma coluna a outra e de uma fileira a outra para formar átomos-ideias (Bion, 1992) e depois para trás; talvez sob a forma de uma tessitura de luzes multicoloridas, ora intermitentes e cintilantes, ora persistentes e a ponto de se transformarem quase imperceptivelmente em outras tonalidades; explicitamente, para graus diferentes de transformação das emoções e dos pensamentos (os conteúdos da *grade*). Pensemos nas luzes de um carro que se aproxima e depois se afasta na escuridão, nas pulsações de um farol na embocadura de um porto, nos rastros luminosos que os fogos de artifício deixam; ou na instalação de Arnold Dreyblatt (1998-99) inspirada no *notes mágico*, *The recollection mechanism*, apresentada no Congresso IPA de Berlim, em 2007.

Bion tinha consciência das falhas da *grade* e ele mesmo sugeriu um modelo animado. Em uma das conferências em São Paulo (Bion, 1980, p. 212) e depois nos *Seminários Tavistock* (Bion, 2005, p. 109), escreve: “Se pudesse girar levemente, a *griglia* seria mais semelhante a uma *grata* [*grating*]⁴ na qual o espaço entre as várias categorias seria cada vez mais reduzido”. Da mesma forma, deveríamos ser bastante elásticos para conseguir variar os vértices de observação e produzir aproximações (conjecturas da imaginação) que inicialmente podem parecer não suficientemente apuradas. Com relação à *griglia* (*grid*), o termo *grating*, derivado de uma forma verbal, já faz pensar em algo mais dinâmico, como se intui do uso que dela faz Grotstein (2007, p. 265-267) para indicar como atua a função α : “*primeiro filtro seletivo* [*grating*] para examinar os elementos β brutos”.

Tomada no conjunto, poderíamos imaginar a *grade* também como o registro, nos termos de uma nova metapsicologia, do filme da atividade psíquica. Funcionaria como as técnicas de neuroimagem conseguem fazer para a atividade

⁴ N.T.: Nessa passagem, optou-se por manter os termos *griglia* e *grata* no original italiano, uma vez que o autor jogou aqui com a semelhança das formas e significados em inglês e italiano, paralelo que não se pode reproduzir em português. *Griglia* é geralmente mais amplo, podendo corresponder ao português *grelha*, mas também *grade*; já *grata* tem como correspondente apenas *grade*. Assim, em inglês temos *Bion's grid* e, em italiano, *la griglia di Bion*, ao passo que, em português, afirmou-se a forma *a grade de Bion* (e não *grelha*). Ou seja, temos nas três línguas, respectivamente, *grid/griglia/grelha* e *grating/grata/grade*.

cerebral, quando visualizam áreas do córtex cerebral tingirem-se de várias cores, conforme a natureza e a intensidade dos estímulos que atingem os sentidos. Ou como a representação abstrata do funcionamento de uma mente em um dado momento, em um segundo ou terceiro nível. Assim acontece, por exemplo, nas cenas de certos filmes de ficção científica nos quais temos a impressão, através de uma caleidoscópica e vertiginosa sucessão de fotogramas, de seguir o percurso de um impulso nervoso.⁵ Seria possível então ver um elemento β – uma entidade que ainda tem as qualidades de uma coisa mesmo já sendo da ordem do psíquico – entrar no prisma da mente e fragmentar-se em um leque de feixes luminosos. Esses feixes enveredam por vários caminhos, mesmo regressivos e colaterais, cruzam-se e separam-se em velocidade supersônica. Dão assim uma ideia da cablagem, desta vez concreta, das vias nervosas, nas quais, segundo Freud (1891), baseiam-se, em última instância, os processos psíquicos de condensação. A cada vez verifica-se o *big bang* da passagem do corpo à mente, da coisa à não-coisa da ideia, da matéria ao psíquico. Repete-se o salto quântico da hipótese definidora, que é ainda o lugar do concreto e da equação simbólica (inerente ao conceito de hipótese é à ideia de algo que espera ser verificado, aqui talvez no sentido de acontecer), ao pensamento simbólico.

Como estas transformações são produzidas permanece uma questão em aberto. Se pensarmos na *grade* como o dispositivo que as regula, no ingresso existem naturalmente as protoemoções e as protossensações. Faíscas de sensorialidade acendem-se pelo atrito do corpo com *O*, o real, a *coisa* (Lacan, 1986) e imediatamente entram nos seus circuitos e encontram os seus relés. A *grade* mostra plasticamente o que acontece quando, como a imagem proeminente de um baixo-relevo, a subjetividade projeta-se do pó fino de átomos que constituem o real infra ou ultrasensível. Fornece uma ideia dos processos de transformação que dão origem ao sujeito. O ponto de partida é pensar que, no fundo, a distinção sujeito/mundo é arbitrária. Não dispomos de um ponto de vista externo sobre as coisas, isto é transcendente, embora consigamos fingir que é assim. O nosso senso comum está absolutamente convencido disso. Todavia, a percepção é somente um texto; um *ver como*, afirma Wittgenstein (Borutti, 1999).

De maneira genial e de todas as formas possíveis, os futuristas procuraram mostrar, no campo da arte, que entre corpo e ambiente há uma compenetração, um contínuo intercâmbio osmótico de energia. As fronteiras do *self* recortam-se como estados dinâmicos do fundo constituído por campos eletromagnéticos. O

⁵ Por exemplo, no segundo e terceiro episódios de Animatrix, *O segundo renascimento*, de Mahiro Maeda, 2003.

sujeito é um *campo de relações* (Merleau-Ponty, 1945), nasce diferenciando-se do real e nunca poderia liberar-se totalmente dele. O real é como a água para os peixes ou o ar para os pássaros. Um certo grau de identidade com o real (de *verdade* entendida como equilíbrio entre identidade e diferença) é absolutamente indispensável para a vida. Esquematisando a interface com o real, a *grade* nos obriga a nos redescobrirmos continuamente com ele, a lembrar-nos que somos parte dele.

Em duplo sentido

Outra propriedade importante da *grade* é que ela pode ser percorrida em ambos os sentidos, também da esquerda para a direita e de baixo para cima. Um pensamento, uma ação, um sonho podem readquirir um valor concreto, de descarga emocional, *embora conservem a aparência*. Um elemento α pode ser parcialmente destruído e tornar-se novamente um elemento β , mas com fragmentos de significado ainda colados. É o que acontece, por exemplo, quando um sonho é usado para evacuar emoções não transformadas, quando um conceito é reificado, ou quando um elemento é des-personalizado, despido daquilo que lhe dava um significado.

Esta possibilidade nos ajuda a definir a natureza dos elementos que se encontram em C1: em todos os níveis, por exemplo, não há verdadeiros elementos α , sonhos ou conceitos etc., mas sim aglomerados β como protocontinentes, precursores de elementos α . Não mais real *puro*, não assimilado, mas projeções de um real que começa a ser idiossincrático, um real já menos informe, uma sensorialidade pronta a ser transformada de C2 em mental; ou, regressivamente, elementos que, do conceito, conservam apenas o aspecto, ou seja, falsos conceitos. Pensemos na transformação em alucinação, fenômeno que descreve como se podem ter percepções corretas da realidade, mas privadas de significado, porque projetadas em um cenário infinito e desconectadas umas das outras.

Poderíamos pensar em C1 como um nível semiótico (Kristeva, 1974), pré-categorial, de senso, e por isso ainda obscuro ou parcial; no mesmo nível que Merleau-Ponty designa como intercorporal ou intersensorial e que, portanto, poderia ser registrado somente no inconsciente implícito, não recalcado ou inacessível (Bion, 1997). Como o eixo horizontal, também o eixo vertical pode ser percorrido em sentido ou senso antievolutivo, de baixo para cima. É um fato fisiológico. Em geral, os elementos α servem para conhecer as coisas, os elementos

β para ignorá-las, uma função certamente não menos importante do que a primeira. Escreve Bion (1992):

Sem os elementos- α é impossível conhecer qualquer coisa. Sem os elementos- β é impossível ignorar qualquer coisa: eles são essenciais para o funcionamento da identificação projetiva. Cada idéia não desejada é transformada em um elemento- β e expulsa da personalidade até tornar-se um fato do qual o indivíduo não está consciente, embora possa estar consciente de sentimentos de persecutoriedade estimulados por ele. [...]. Reservo o termo “conhecimento” à soma total dos elementos- α e - β . É um termo, portanto, que compreende tudo o que o indivíduo sabe e não sabe (p. 188-9).

Quanto à capacidade de pensar, o que conta é a curva que o quociente β/α desenha no tempo. Não se deve confundir o duplo sentido de percorrimento das fileiras e das colunas da *grade* com o que Meltzer (1986; 1987) chama de *grade negativa*. Em uma mente madura, a possibilidade de percorrer tais vetores para diante e para trás equivale ao funcionamento equilibrado, descrito por Ogden (1989), das várias *posições* (contíguo-autística, esquizoparanoide e depressiva) por meio das quais damos um sentido pessoal para a experiência.

O conceito de *grade negativa* indica que, ao livre jogo progressivo e regressivo das transformações realizadas pela função α , substitui-se uma inversão *consistente e estável*, como quando um grupo age com base em um pressuposto. Em outras palavras, é o que acontece quando o jogo dialético das defesas e das formas do sentir e do ser inconsciente colapsa para uma única forma de funcionamento. Com a *grade negativa* estamos no campo franco da patologia. Não se trata, portanto, da negatificação *interna* à *grade*, da qual se encarrega a coluna 2, mas de uma negatificação *da grade*. Prevaecem ligações -L, -H, -K que destituem a experiência do seu colorido emocional, e na personalidade instaura-se um sistema delirante (Meltzer, 1986).

Além do mais, essa possibilidade da *grade* de transmutar-se em -G não é sempre um fato negativo, porque exprime uma defesa psíquica que se torna desadaptativa somente a longo prazo, somente se não se transformar em um modo mais adequado de resolver os problemas emocionais. O surgimento, por exemplo, de um sintoma hipocondríaco poderia ser o indício de uma transformação continente-conteúdo negativa ($-\text{♀}\text{♂}$), ou seja, de uma relativa inversão do processo de simbolização ou de uma regressão ao uso (autístico) de símbolos esvaziados de significado. Ao mesmo tempo, porém, representaria a tentativa de restabelecer

o contato com as qualidades psíquicas, um trabalho necessário para restaurar um estado de suficiente integração somato-psíquica (Civitarese, 2011a; 2011b).

A dimensão interspíquica na *grade*

O agente que realiza as passagens de fileira a fileira e de coluna a coluna é a função α (e depois a metafunção α do aparelho para pensar/sonhar). Em si mesma a função α , um conceito vazio, um x que está para eventos mentais dos quais sabemos pouco ou nada, apresenta-se assim como um conceito intrapsíquico. Torna-se menos misteriosa somente se é reconduzida à relação mãe-bebê, relação que acontece em torno da sintonização emocional. Quando nasce, o bebê tem uma consciência rudimentar, mas não o seu complemento inconsciente (Bion, 1967). A função α , que permite sonhar a experiência e realizar o trabalho de construção-desconstrução da barreira de contato que separa e une consciente e inconsciente, não está ainda instituída e funcionando, ou ela também está presente só em forma elementar (Grotstein, 2007). *Tornar-se* consciente (Bion, 1992), no sentido da plena autoconsciência, poder dizer *eu*, é possível somente se, simultaneamente, constitui-se também o inconsciente e assim a capacidade de estar consciente de si mesmo. Para que isso ocorra, os elementos α primitivos da criança não podem prescindir da *rêverie* materna. A função α , então, não se desenvolve autonomamente sob o impulso da maturação biológica, ainda que a pressuponha.

Poderíamos nos perguntar se a origem interspíquica da função α está representada de alguma forma na *grade*. Seria uma séria limitação se a natureza tipicamente intersubjetiva da teoria de Bion não estivesse ali representada. O problema é colocado a Bion (1973) por ocasião de um de seus seminários em São Paulo. Um dos participantes pergunta-lhe: “É possível mostrar o modelo *mãe-bebê* na *grade*?”, e ele responde: “Se pudéssemos mostrar, seria na área das transformações da imagem visual (C3), como quando dizemos ‘tive um sonho na noite passada’ e descrevemos em palavras algo que foi visto fora do estado de vigília, como no sono” (p. 131).

O que pode querer dizer? Como sempre ocorre com Bion, não é fácil afirmar: Eu entendi assim. Em primeiro lugar, poderia simplesmente remeter ao conceito de *rêverie*. Em segundo lugar, poderíamos observar que, diferentemente das teorias (postas na fileira F), com base nessa resposta ele coloca o conceito de modelo na fileira C (a fileira do sonho, do mito e da alucinação). Em seguida, em outro plano, mais específico, que, respectivamente àquilo a que se refere Bion,

considera o *modelo* mãe-bebê (relativamente à relação real mãe-bebê) como o equivalente do relato do sonho com relação ao sonho, isto é, como a esquematização de um fenômeno que tem a mesma impalpabilidade do sonho e do qual não é possível ter um conhecimento direto. Trata-se da experiência compartilhada de uma forma de comunicação inconsciente, primitiva e profunda, que, no plano metapsicológico, explicamos com o jogo entre identificação projetiva (e introjetiva) e *rêverie*. Da mesma maneira com que, no estado de vigília, um indivíduo dá sentido às suas imagens oníricas registradas na memória, as reconhece, as nomeia e as relata para si mesmo, ou para alguém, nós também nos relatamos a interação mãe-bebê com um modelo científico. Assim respondendo, Bion explicita que estatuto atribui ao conceito de modelo em geral, mas não nos diz ainda *como* o modelo mãe-bebê é representado na *grade*.

Haveria também outra resposta possível ao quesito que lhe foi dirigido no seminário de São Paulo: que o modelo mãe-bebê é simbolizado pela própria estrutura da *grade*. Vejamos. A *grade* assemelha-se a um fractal,⁶ isto é, a uma figura geométrica que tem a propriedade de repetir-se idêntica em qualquer que seja a escala de grandeza. No conjunto, como se fosse o seu ideograma, representa a membrana seletiva da mente (o pensamento) que se interpõe entre o estímulo e a ação (*I*, que está para *ideia*, é a letra que a indica na sua totalidade; Bion, 1963, p. 41). A ação (*A*) depende do valor que assume o estímulo (*S*) para a função ideia (*I*) ou seja $I' (S) = A$. Temos, assim, uma dupla de termos funcionalmente separados/reunidos por uma pequena barra⁷ que simboliza uma barreira de contato.

A um atento exame da *grade* essa estrutura se reapresenta no nível dimensional das fileiras e das colunas. Grosso modo todo o eixo horizontal reflete o vertical. A *C1* é o reflexo da categoria β na fileira horizontal: ambas referem-se a elementos psíquicos não mentalizados. A linha horizontal entre as fileiras *A* e *B* separa os elementos β dos pictogramas (elementos α) e a linha entre *B* e *C* os pictogramas dos sonhos e dos pensamentos. Atravessar essas fronteiras, passar, isto é, de β a α (elementos intermediários entre β e as *imagens sensoriais* dos sonhos, dos mitos, dos relatos e das alucinações) e depois de α aos pensamentos

⁶ Nos fractais a mesma estrutura se repete em dimensões diferentes segundo um princípio chamado autos-similaridade. O exemplo mais comum é a árvore. A semelhança da *grade* com um fractal não deve ser tomada, obviamente, ao pé da letra, mas, em minha opinião, merece ser salientada. Se pensarmos na totalidade da *grade* como sendo uma barreira de contato que separa e reúne duas áreas limítrofes, podemos dizer o mesmo de cada fileira ou coluna e também de cada lado que recorta um quadrado (que deve filtrar o que entra e o que sai). O quadrado na sua inteireza também separa e une os dois vizinhos ou o quadrado superior e o inferior. A *forma* que se repete é, portanto, sobretudo uma função (mas, em última análise, também uma forma).

⁷ Uso às vezes a grafia inglesa equivalente (*slash*) para explorar o efeito onomatopaico do termo, que evoca tanto o corte quanto a fálscia do contato.

oníricos e ao pensamento ou sonho em sentido próprio equivale a ultrapassar as fronteiras existentes entre C1 e C2 (transformações realizadas pela função α) e depois entre C2 e C3 (transformações realizadas pelos aparelhos para pensar os pensamentos e para sonhar os sonhos). Assim, a seguir, poderíamos ver na fileira C (mito-sonho-pensamento-onírico), o reflexo da coluna 2 (*psi*); na fileira D (pré-concepção), o reflexo da coluna 3 (notação); na fileira E (concepção), o reflexo da coluna 4 (atenção), na fileira F (conceito), o reflexo da coluna 5 (investigação). Na verdade, talvez os quadrados D-E-F (pré-concepção, concepção, conceito) deveriam ser considerados como um grupo único, assim como 3-4-5 (notação, atenção, investigação). As fileiras e as colunas também podem ser vistas como duplas de opostos articulados dialeticamente por uma interface que, ao mesmo tempo, os separa e os une, representada graficamente pelas linhas e pelas retas horizontais e verticais.

Mas a mesma coisa pode-se dizer também, em geral, da organização *interna* das fileiras e das colunas da *grade*, gradativamente em escala cada vez mais reduzida. *A mesma estrutura essencial* de dupla binária separada/unida por uma pequena barra (que assume o valor de uma função) encontra-se não só, como já vimos, na *grade* em si e nos filtros de segunda ordem representados pelas fileiras e pelas colunas, mas também naqueles de terceira ordem das próprias linhas que recortam os seus quadrados. Passando do maior ao menor, a *grade* na sua totalidade, as colunas, as fileiras e, enfim, todos os lados que demarcam um quadrado podem ser vistos como os *slash* de outras membranas semipermeáveis, ou *barreiras de contato*, que, ao mesmo tempo, dividem e voltam a reunir dois termos, os quais se encontram, portanto, dialeticamente opostos. O que isso quer dizer? Que os dois termos não são dotados de um significado fixo e autônomo, mas definem-se somente um em relação ao outro.

No plano da metateoria (teorético), nessa estrutura poderíamos ver refletido o princípio geral do método de Bion de transcender à cesura e como, na base deste princípio, ele articula todas as oposições clássicas que separam o campo da experiência do da análise. Faltarão, e este é o exemplo mais comum, a distinção entre sonho noturno e sonho de vigília (pensamento onírico de vigília), entre *cs* e *ics*, entre processo primário e secundário, entre princípio do prazer e da realidade etc. De fato, se a parte superior da *grade* corresponde grosso modo ao processo primário e ao inconsciente e a parte inferior ao processo secundário e à consciência, as duas áreas transpassam-se uma e outra sem uma verdadeira solução de continuidade.

No plano da teoria do pensamento de Bion não estaria errado ver nessa obsessiva *especularidade* uma alusão à função de espelhamento que o objeto

exerce para a psique do lactente e que se realiza através dos processos de identificação projetiva e introjetiva; um espelhamento que, uma vez interiorizado, torna-se o sentimento de existir, a capacidade de autorreflexão (de ser dois em um).

A dupla binária que obtemos selecionando dois elementos quaisquer da *grade* separados pela cesura de um *slash* (o lado de um quadrado qualquer) simboliza, assim, na estrutura e no funcionamento, a relação mãe-bebê (a dupla por antonomásia) e o modelo que dela temos. Há um motivo essencial que sugere esta ideia: é o único modelo de relação que pode nos dar uma ideia de como opera o mecanismo continente-conteúdo que regula em todos os níveis a passagem de quadrado a quadrado e do qual a função α é uma expressão.

Nesta verdadeira insistência estrutural redescobre-se a dualidade (grupalidade) constitutiva de cada mente, *enquanto representada na grade*. A sua sintaxe alude, em níveis macro e microscópicos, à natureza essencialmente intersíquica (bi/pluripessoal) do significado e à teoria radicalmente social/política de Bion de como nasce a psique. Se continuássemos a desenvolver a nossa metáfora do fractal, esse plano dual/grupal nos pareceria como o natural prosseguimento daquilo que, em uma escala maior, seriam duas/mais *grades* (G1, G2, G3... Gn) em relação dialética entre si.

A barreira de contato vista não só como o filtro interposto entre inconsciente e consciente, mas também como a superfície especializada que controla a porosidade de um *continente* qualquer, descreve a anatomia esquemática da mente (da *grade/ideia*). O mecanismo continente/conteúdo (♀♂) representa a sua fisiologia. É um conceito que Bion (1963) *abstrai* da teoria kleiniana da identificação projetiva: elementos dispersos da experiência tornam-se significativos quando se encontram reunidos em um continente que lhes confere uma forma reconhecível. A relação é dialética e reversível nos papéis. O continente também é modificado pelo conteúdo. De outra perspectiva, em uma escala mais ampla, cada continente pode representar, por sua vez, um conteúdo. É claro que, tanto por continente quanto por conteúdo, não se deve entender um lugar psíquico, mas um processo. Trata-se mais de um *conter/ser contido* do que de invólucros inertes e estruturalmente fixos (Bion, 1963; Ogden, 2005).

Entre todos os conceitos que Bion utiliza para descrever as transformações psíquicas, o mecanismo continente/conteúdo (♀♂) é o de alcance mais geral e abstrato, porque é o mínimo denominador comum da oscilação $\text{Ps} \leftrightarrow \text{D}$, da oscilação entre capacidade negativa e fato escolhido ($\text{CN} \leftrightarrow \text{FS}$), e do circuito $\text{IP} \leftrightarrow \text{rêverie}$. De fato, diferentemente desses, o mecanismo continente/conteúdo (♀♂), nas suas

várias declinações (convival, parasitário, simbiótico, invertido ou negativo), pode-se aplicar tanto no plano intra quanto intersíquico.

O mecanismo continente/conteúdo (♀♂) é o fator que regula a cada vez o trânsito de uma fileira à outra da *grade*. É por isso que, em todos os níveis, o *slash* é também a interface onde se geram turbulências. Mesmo quando um conteúdo encontra um continente ao qual se adapta perfeitamente e os dois tornam-se *um todo unitário*, assim como um antígeno *reconhece* um anticorpo, o processo nunca é (totalmente) indolor: implica sempre uma interação em que cada termo reconhece e ao mesmo tempo nega o outro e viceversa. Estar em unísono é o resultado de um trabalho de neg(oci)ação. Comporta o sacrifício de aspectos de si e, especularmente, de aspectos do outro. Exatamente como, para categorizar e para depois podermos nos reconhecer nos conceitos que usamos, precisamos apagar as diferenças e exaltar as semelhanças entre as coisas (de abstrair).

A cada *slash* as protoemoções (mas é preciso lembrar que o termo não admite uma definição unívoca e indica uma gama de estados) registram os ruídos da batalha para o reconhecimento entre continente e conteúdo. Antes de serem identificadas, antes, isto é, de serem contidas em uma ideia ou de serem revestidas por uma película de pensamento e, portanto, usadas no seu valor tanto cognitivo quanto motivacional, na medida em que exprimem um movimento de repulsa ou de atração, são portadoras de uma excedência. As emoções informam a mente sobre o estado das suas relações com o objeto (com o mundo). Visualizam o saldo dos seus investimentos. Quando, ao contrário, não são transformadas, desprendem-se em um espaço mental imenso, e é “como sangrar até a morte nos seus próprios tecidos” devido a um choque cirúrgico (Bion, 1970, p. 22).

O pintor secreto da mente

De todas as cesuras da *grade*, vou tratar agora principalmente da Coluna 2. A minha abordagem da *grade*, de fato, parte da interpretação que dela faz Grotstein:

A barreira de contato é, do meu ponto de vista, semelhante à função α , mas também ao seu objeto. Corresponde, no meu modo de ver, à coluna 2 da *grade* bioniana, na medida em que a coluna 2 não é exclusivamente a coluna da *mentira (recusa)*, mas também a coluna da *negação*, necessária para a diferenciação de um objeto de outro (processo secundário). Em outras palavras, considero a barreira de contato como *prosseguimento* da função α (Grotstein, 2007, p. 258).

E mais:

A coluna 2, na minha opinião, constitui a coluna *do sonhar*, vale dizer, a coluna *da função* α , que deve modificar esteticamente (*semifalsificar*) os elementos β da coluna 1 (hipótese definidora) para tornar os elementos adequados ao sucessivo transporte, passível de mentalização, através do resto da *grade* (*Op. cit.*, p. 271).

De acordo com Grotstein, enquanto derivada da função α coincidente com a barreira de contato, proponho ver na *misteriosa* coluna 2 o verdadeiro tesouro teórico da *grade*. A importância da coluna 2 capta-se em um golpe de vista. O que se pode observar é expresso por Hegel da maneira mais sintética quando escreve: “Todo pensamento é falso” (1807, p. 29). Com Bion isso poderia ser reformulado dizendo que antes de C2 não há o pensamento, mas depois de C2 todo pensamento é falso! Assim, na *grade nada tem significado antes do trânsito dos elementos β para a C2*. Como vimos, na C1 também os conceitos existem somente sob forma de aglutinações articuladas de elementos β ; não pensamentos, mas *almas de pensamentos* à espera de serem realmente sonhados. São, portanto, protoconceitos ou pré-concepções, como o leito de um rio em relação à água que nele corre (mas que nele poderia também não correr). Na C1 as coisas têm *senso* (de *sentir*), mas são privadas de *significado* (de *signo*); todos os conteúdos mentais são concretos. A contradição se supera somente se pensarmos em uma progressão linear que vai do registro comunicativo do semiótico ao registro do semântico, do senso ao significado.

Desse ponto de vista a C2 poderia ser a coluna na qual colocamos o trabalho do negativo, que se estende sem solução de continuidade ao longo de um espectro no qual encontramos recalçamento, cisão, recusa, forclusão, rejeição ou negação etc. (Green, 1993). Para ter êxito, qualquer processo de mentalização deve transitar necessariamente pela coluna 2. A coluna 2 é o agente do trabalho *estético* (do tratamento da sensação/*aísthesis* pelo pensamento-sonho) que transforma *O* em uma verdade de ficção, ou seja, em uma mentira mais ou menos compartilhada.

Qualquer elemento da primeira coluna, a hipótese definidora, é dado por esquemas emergentes de elementos β ,⁸ miríades de sensações, não ainda pensamento; portanto, para tornar-se pensamento, não pode não transitar através

⁸ Bion (1997, p. 45) define os elementos β como não-pensamentos, objetos bizarros, “escuridão densa”, “o relato feito por um idiota, cheio de sons e de raiva, mas que não quer dizer nada, preto, O”, números negativos, o “infravermelho” e o “ultravioleta”, algo da ordem do ritmo, “aquele tipo de coisa na qual os músicos é que são especialistas”.

da *falsificação* do filtro Ψ (*psi*). Para indicar essa coluna, não por acaso Bion usa também a letra grega com a qual iniciam tanto *pseudos* (engano, mentira, mas também *fingimento poético*) (Derrida, 2005; Chantaine, 1999) quanto *psique*. É aqui que nasce a mente. Mente e mentira têm a mesma raiz em *mens* (Lopez-Corvo, 2002): “Não se pode permitir que algo se torne inconsciente se antes não se aplicou α àquele algo” (Bion, 1992, p. 148). A consciência depende da função α . Os elementos da coluna 1 tornam-se acessíveis ao pensamento, ao sonho, à memória, à atenção somente depois de terem passado pela C2. Antes dessa passagem são configurações β em diferentes graus de complexidade, mas que não foram ainda sonhadas. Talvez seja preciso pensar em β como sendo o grau zero de α . Talvez elementos β puros não possam existir; ou então, como diz Grotstein, são elementos α degradados, ou, ao contrário, para Bion, elementos rudimentares.

O sonhar como trabalho psicológico inconsciente de criação do significado (essencialmente a função α), portanto, não está na fileira C – como conteúdo sim, não como função – mas, sim, está presente *em todos os níveis* na coluna 2. Por isso Grotstein (2007, p. 309) a define também como “a coluna do sonho” (“A coluna 2 constitui uma *função de continente-sonhador-pensador*”). A ideia encontra sustentação em uma anotação do próprio Bion (1963, p. 99): “A categoria C2 é destinada a conter o pensamento do sonho”. Essa é a diferença entre a fileira C e a coluna 2. No entanto a fileira C é importante porque, na *grade*, marca idealmente o ponto de equilíbrio entre pensamento inconsciente e consciente, entre pensamento simétrico e assimétrico, entre processo primário e processo secundário, entre princípio de prazer e princípio de realidade, entre animismo e abstração.

Os elementos da fileira C, o sonho da noite e da vigília e todos os gradientes do onírico são, ao contrário, produzidos pelo aparelho para sonhar os sonhos, uma espécie de meta ou superfunção α (Ferro, 2006), enquanto os elementos das fileiras mais abaixo (DEF) pelo aparelho para pensar: ambas as funções empregam os pensamentos oníricos produzidos pela função α (elementos α). É verdade que entre a função α e o aparelho (ou os aparelhos) para sonhar os sonhos e para pensar os pensamentos poder-se-ia colocar a aquisição da linguagem, mas, afinal, por que pensar em uma diferenciação radical dos dois mecanismos psíquicos? Não seria possível fazer intervir também aqui a analogia com a figura matemática dos fractais? Função α , aparelho para sonhar e aparelho para pensar poderiam ser concebidos como níveis cada vez mais complexos de uma mesma função base, ou que se aplicam a produtos sempre mais sofisticados (abstratos), mesmo que

Bion especifique que a *fabricação* e o *uso* dos sonhos poderiam ter origem em dois sistemas diferentes.

A única verdadeira diferença poderia estar no fato de que, para cozinhar *O*, uns partem de alimentos crus da linguagem semiótica e os outros de alimentos pré-cozidos da linguagem simbólica, mas em ambos exprimir-se-ia uma mesma pulsão para simplificar/categorizar. Todos os conteúdos psíquicos colocados à direita da coluna 2 são infiltrados pelo sonho em qualquer nível da progressão que, dos elementos β , chega ao pensamento mais abstrato e à ação. A álgebra também é infiltrada pelo sonho, porque nasce da equiparação do semelhante com o dessemelhante. Mas *in natura* duas coisas iguais não existem, a não ser que sejam negligenciadas as diferenças. Não existem duas árvores idênticas. Se eu crio o conceito de *árvore* ou se sou duas árvores, quer dizer que estou metaforizando um com outro, que estou transferindo propriedades de um para outro, que estou *apagando* as diferenças, como sabemos, o trabalho de C2! Escreve Bion:

Uma criança que aprende a caminhar está empenhada no esforço de tornar inconsciente um material consciente: somente quando ela tiver conseguido será capaz de caminhar. *O mesmo vale para qualquer aprendizado realizado*: ser coroado de êxito depende de operações centrais através das quais o trabalho-do-sonho-alfa consegue transformar o material consciente em material inconsciente adequado ao pensamento inconsciente da vigília⁹ (Bion, 1992, p. 89).

O pensamento abstrato também pressupõe uma série de processos inconscientes e que os estímulos que possam resultar confusos sejam neutralizados. Afinal de contas, é este o sentido originário do mecanismo do recalçamento, que, no *Projeto*, Freud (1895) imagina com o modelo do afastamento físico – coisa da qual a mãe se encarrega – dos estímulos que são perturbadores para a criança. Conhecer, transformar os elementos β em elementos α , implica a capacidade de esquecer, de fingir (no sentido de imaginar, plasmar, formar), de repelir para o fundo os elementos não essenciais da figura e de fazer como se eles não existissem: “Pode-se demonstrar que uma determinação a não experimentar nada coexiste com uma *incapacidade de rejeitar ou de ignorar qualquer estímulo*. O paciente pode ver que as impressões sensoriais têm algum significado, mas sente-se incapaz de saber qual é esse significado”¹⁰ (Bion, 1962, p. 46). Dar um sentido para as

⁹ Grifos meus.

¹⁰ Grifos meus.

coisas não pode prescindir de um trabalho de negação, do alucinatório que se infiltra inevitavelmente na percepção (Botella & Botella, 2001), assim como na película de um filme os fotogramas pretos alternam-se aos fotogramas impressos. Como uma *penreira* (Freud, 1895), a função α retém os elementos úteis ao seu objetivo e deixa cair os outros.

A coluna 2, então, é o verdadeiro ponto de articulação que separa o humano, o real assimilado no sonho e a capacidade de ter consciência dele, do pré-humano de *O impessoal*, informe e infinito ou do sonho sem despertar da consciência primitiva dos animais. *Na coluna da hipótese definidora não há ainda uma mente, cuja subsistência implicaria a capacidade de diferenciar entre si e não-si.* A conjunção constante de dois fatos, o estarem conectados neste nível por um vínculo de contiguidade, *não pode ainda ser pensada.* Não se pode falar ainda de verdadeira simbolização. Esta última nasce com Ψ , com o *mentir* inconscientemente. O sonhar não faz uma mente a não ser depois da coluna 2. Mesmo antes da C2, no entanto, há um senso que preexiste à instituição de um eu e que, por um lado, passa à criança pela mãe, na medida em que encarna a sua futura função α como componente da díade e, pelo outro, sob forma de disposições psicofísicas inatas, de preconceções, de fantasmas originários etc.

Que verdade para a psicanálise?

Mas então a coluna 2 é o lugar da mentira, como foi interpretada por tantos autores e apresentada ambigualmente pelo próprio Bion, ou o lugar do sonho? É possível tratar os mentirosos? E se todo pensamento é falso, o que quer dizer que o sujeito é movido por uma *pulsão de verdade*? É essa a força que faz a *grade* funcionar (aquilo que ela representa)?

Pela leitura de um trecho da *segunda grade*, temos a impressão que Bion concebeu a C2 para replicar a opinião que Klein lhe expressou, em particular, sobre a incurabilidade dos mentirosos. Ele lhe objeta que, no decorrer de uma análise, a sua própria teoria da identificação projetiva “poderia ser apresentada de maneira a constituir uma série de afirmações mentirosas” (Bion, 1977, p. 43). Dir-se-ia que, desse ponto de vista, não há paciente que não minta na análise. A própria distinção que Bion faz, logo depois, entre mentira (voluntária) e falsidade deixa o problema sem solução.

Ele mesmo reconhece que a capacidade do homem de sobreviver depende também da capacidade de iludir-se, em sentido lato, de mentir-se e de mentir: “É difícil aceitar a vida real porque a frustração é um caráter essencial da vida real.

Em um grau extremo, ela obstrui o desenvolvimento do pensamento” (Bion, 1992, p. 72). E ainda:

[...] o homem deve a sua sanidade e a sua capacidade de continuar a permanecer em um estado de sanidade à capacidade de proteger-se, durante o período do seu crescimento enquanto indivíduo, repetindo na sua vida pessoal a história da capacidade da raça de autoenganar-se em relação à verdade, que a sua mente não é capaz de receber sem ir em direção ao desastre (Bion, 1992, p. 198).

No entanto, em aparente contradição com essa afirmação, Bion postula também que a capacidade de sobreviver depende de “uma constante provisão de verdade” (*a constant supply of truth*) (Bion, 1992, p. 112), porque a verdade é alimento para a mente. Assim, ele faz da busca da verdade uma pulsão central, tanto que Meltzer define *epistemológica* a sua teoria da mente, e Grotstein fala de *truth drive/instinct*, de pulsão de verdade.¹¹

Isso nos leva a deduzir que, na clínica, Bion atua com um conceito de verdade relativo e não abstrato¹². O ponto de vista do analista nunca é o do moralista, nem o do filósofo, nem o do historiador, do contrário usaria metodologias de investigação diferentes. Nessa ordem, examinaria a correta interpretação no discurso dos preceitos do catequismo, avaliaria o seu rigor lógico-argumentativo ou procuraria provas documentais etc. Em análise, ao invés, não tem sentido opor a verdade à mentira de modo absoluto. Convém definir a verdade com base nos parâmetros específicos do campo teórico-clínico da psicanálise, reunidos nas oposições binárias consciente/inconsciente, explícito/implícito e sustentável/insustentável. Vamos por ordem.

Em primeiro lugar, o que importa é a verdade inconsciente do sujeito, porque, por definição, se há um sofrimento psíquico, significa que aquilo que ele sabe de si não é suficiente: não há nutrição suficiente para a mente. Mas, com relação ao parâmetro inconsciente/consciente, mesmo “a mentira do mentiroso indica a verdade camuflada, assim como os sonhos” (Grotstein, 2007, p. 165). A

¹¹ Cfr. Grotstein (2007, p. 61): “Exponho a idéia de que, atrás da ordem escondida que impregna toda a obra bioniana, reside o conceito de pulsão de verdade [truth drive] e que todos os mecanismos de defesa do Eu são principalmente contrapostos à irrupção da verdade inconsciente e não à libido e à agressividade”. O próprio Bion, segundo um testemunho de Grotstein, em 1979 ter-lhe-ia expressado o conceito de instinto de verdade (*truth instinct*) idem, p. 321).

¹² Cfr. Sandler (2005, p. 400): “instead of focusing either on truth or the lie per se, Bion focuses on the binomial relationship truth/lie. That is, the ‘and’ replaces the ‘or’[ao invés de concentrar a sua atenção na verdade ou na mentira, Bion se interessa pela relação binária verdade/mentira: o ‘e’ substitui o ‘ou’]”.

mentira pode representar, em certos casos, o único modo, ou o mais eficaz, ao qual o paciente recorre para proteger-se da angústia e da dor e, simultaneamente, para se fazer entender. A verdade de *O* e do encontro com *O* (o real anônimo, indeterminado e infinito que deve tornar-se significativo de maneira pessoal pelo sonho) expressa-se involuntariamente também na mentira intencional. Assim como sonhos, *rêverie* e sintomas (Ogden, 2001), a mentira também é uma metáfora, não uma visão direta, da experiência inconsciente do sujeito. Portanto, do ponto de vista do analista, o problema da mentira não se coloca senão como sintoma; de qualquer forma, não é um obstáculo intransponível para a cura.¹³ Logo, o parâmetro da intencionalidade consciente não nos ajuda a resolver a contradição entre necessidade de verdade e falsidade do pensamento.

Enquanto, por definição, no plano consciente podemos ter somente um saber explícito (sentimento ou ideia), no plano inconsciente devemos distinguir entre *verdade* explícita ou representacional (inconsciente recalcado) e implícita-afetiva ou não-representacional (inconsciente inacessível ou não recalcado). Conseqüentemente, aumentar a área de verdade do paciente pode querer dizer tanto ajudá-lo a aceitar saber mais sobre si mesmo, quanto aprender a fazer mais coisas, embora não saiba dizer como, por exemplo, enfrentar melhor certas situações do ponto de vista emocional. Essa é uma área em que a habilidade do sujeito não pode basear-se somente nas ideias (que, ao contrário, podem ser suficientes para outros objetivos e em outras tarefas da vida).

O terceiro parâmetro, sustentável/insustentável, já evidenciado no início do parágrafo com as citações de Bion, é talvez o que exprime melhor a especificidade do seu ponto de vista, que é se basear em uma teoria psicanalítica intersubjetiva. A verdade que interessa a Bion (a nós) em análise é a que nutre a mente e que é adaptativa com respeito à realidade externa só quando emocionalmente sustentável (compatível também com a ecologia do mundo interno), só quando não comporta um grau excessivo de frustração e *não obstrui*

¹³ Mesmo correndo o risco de me repetir, gostaria de desenvolver um pouco mais este ponto. Conforme um modelo pós-bioniano do campo analítico (Ferro, 1992; Civitarese, 2008; Ferro & Basile, 2009), que, em minha opinião, deve ser articulado dialeticamente com um modelo do sujeito isolado, qualquer coisa que o paciente me diga, eu escuto – não com uma monitoração constante, mas deixando-me *surpreender* por essa perspectiva – como produto da comunicação inconsciente das mentes. Desse ponto de vista – mas só desse – não me coloco o problema da falsidade ou da sinceridade das suas palavras. Se ser um mentiroso reflete um seu conflito inconsciente, como eu poderia curá-lo senão ajudando-o a ser mais autêntico e assim a não precisar se esconder atrás da mentira intencional? Nem quem mente de propósito controla o próprio inconsciente, enquanto um adepto da virtude e da verdade a qualquer custo poderia expressar, conforme o caso, impulsos sádicos ou um falso *self*. Se eu tivesse uma criança que me mentisse continuamente, eu deduziria talvez mais facilmente que deveria restabelecer um entendimento que pareceria perdido e do qual a falsidade sistemática é o sintoma. Não confundiria, portanto, o entendimento consciente com o entendimento profundo e inconsciente da sintonização emocional.

o desenvolvimento do pensamento. Caso contrário, obteríamos o efeito oposto com relação ao desejado: não o de aumentar a capacidade de sonhar/pensar do paciente, mas sim de miná-la.

A ideia de sustentabilidade, porém, remete àquilo que é verdadeiro para o analista, mas também para o paciente. A verdade que nasce somente na mente do analista, ao contrário, pode ser venenosa para o paciente. Por ser o alimento que nutre a mente, a verdade deve ser receptível, isto é, compartilhável, o que se verifica quando o paciente dispõe de um espaço mental suficiente para acolhê-la, reconhecê-la e assimilá-la. É por isso que é necessário introduzir uma definição intersubjetiva ou social de verdade como algo atinente ao senso comum e que nasce do unísono emocional, da experiência que no início da vida da criança cria o objeto primeiramente como aquilo que é comum aos sentidos. Para entender melhor a natureza deste compartilhamento pode-se usar o modelo de como nasce o pensamento (verdade) na interação mãe-bebê.

A pulsão de verdade

Quando vem ao mundo, o recém-nascido consegue sair de um estado de não integração e coordenar os sentidos de forma que sejam confirmados reciprocamente somente graças à *rêverie* (Bion, 1992) e às capacidades de *holding* e de *handling* (Winnicott, 1960) da mãe. É a mãe que supre com a própria mente a imaturidade do lactente. O que é verdade para ele na percepção no sentido de *comum aos sentidos* – o tato diz à visão: “Está bem, recebido; o que eu sinto corresponde ao que tu estás vendo” e viceversa – deriva de uma infinita série de microexperiências de confirmação emocional, de unísono, de consensualidade. Estas mínimas experiências emocionais (de sentido) se entrelaçam para tecer o tecido do pensamento. A mãe ajuda o bebê a colocar ordem no fluxo caótico de estímulos no qual está imerso e, por assim dizer, passa-lhe o método.

É evidente que, sobretudo no início da vida, este impulso à integração e à construção de um espaço psíquico só pode realizar-se no unísono emocional e não ainda no acordo intelectual, porque, se algum tipo de categorização já está presente, é, porém, de ordem pré-verbal e pré-reflexiva, semiótica, afetiva e não propriamente conceitual. Neste estágio as emoções exprimem de forma direta o princípio de valor essencial para a sobrevivência e continuam a fazer o mesmo por toda a vida, mesmo quando acompanhadas pelo pensamento lógico-racional. E isso porque sempre haverá razões do coração/corpo que a mente não pode representar, mas somente sentir.

Por isso acredito que não tem sentido opor de forma absoluta a verdade à mentira. Faz mais sentido conceitualizar um gradiente que se estende desde a verdade do menor nível possível de acordo emocional e de consensualidade compatível com a vida até à verdade do máximo grau alcançável de sintonia com os outros e consigo mesmo. Pelo mesmo motivo, em análise, a verdade que não é inconsciente, emocional e compartilhada tem pouca importância, porque, de acordo com o próprio modelo do funcionamento psíquico e com respeito à finalidade declarada de curar, a vida emocional inconsciente é o nível específico de intervenção da psicanálise.

A resposta que se pode dar, então, à primeira das perguntas com as quais abri o parágrafo é que C2 pode ser todas as duas, tanto a coluna da mentira quanto a coluna do sonho, porque, se a fazemos coincidir com a barreira de contato ou com a função α , o que importa é como funciona. Se funciona bem, teremos o sonho (a *digestão*) do real, a mentira compartilhada da realidade do senso comum, o *como se* da percepção; se funciona mal, teremos sonhos não sonhados (terrores noturnos) ou sonhos interrompidos (pesadelos; Ogden, 2005) que se manifestam com vários sintomas e patologias. Entre eles pode existir também a mentira intencional ou uma vida inautêntica mesmo que hiperadaptada ou, até mesmo, o uso da verdade factual para enganar (Derrida, 2005).

Quanto ao segundo quesito, com base no que foi dito, a resposta é sim, é possível curar os mentirosos. Como? Não diferentemente do que em outras situações, trata-se de chegar ao uníssono emocional. O entendimento comum (*Verständigung*; Freud, 1895) permite ao paciente aumentar também a sua capacidade de pensar e chegar a um acordo mais amplo sobre a realidade material e sobre os fatos da sua vida atual e do passado e não ter mais necessidade de mentir.

Vamos tratar agora do último ponto: a pulsão de verdade. Tendo redefinido assim o conceito de verdade como in/consciente, emocional e compartilhada e, portanto, como algo que se coloca ao longo de um *continuum* e não como uma oposição clara verdade/mentira, intuimos o que se pode entender com pulsão de verdade: certamente não o impulso de apropriar-se em abstrato de um sistema qualquer de asserções verdadeiras sobre a realidade, mas o impulso de atingir graus cada vez maiores de sintonização emocional com o outro, o que – atente-se bem – representa também a base para o entendimento baseado no pensamento, mas só secundariamente. Vista dessa forma, cai a contradição entre a falsidade intrínseca ao pensamento e a verdade (falsidade relativa) que faz a mente crescer, porque já reconduzida a um fator de ordem quantitativo mais do que qualitativo.

A pulsão de verdade consistiria, então, na busca desta especial sintonia

com o outro. Isso quer dizer que a verdade nutre o pensamento. É claro que poderíamos exprimir a mesma coisa como busca do objeto e da satisfação da libido ou segundo outros modelos. Se Bion escolhe falar sobre verdade, termo que seria necessário usar sempre com certo pudor, é porque tem dela uma concepção social e relativista e, eu diria, principalmente para salientar que o fator que impulsiona à vida e ao desenvolvimento da mente é a sede de socialização. Em minha opinião, é nisso que reside a especificidade do conceito de pulsão de verdade. Por isso Bion o prefere às formulações freudianas equivalentes.

A utilidade do conceito de pulsão de verdade (reformulado como impulso à sintonização emocional) não se limita à esfera da análise, pois ajuda-nos a ver que qualquer tipo de verdade reconhecido por uma comunidade, até mesmo pelas comunidades científicas, são casos particulares do entendimento e também estão radicados no acordo emocional, no estar em uníssono. Após uma tradição secular que sempre opôs as paixões à razão e o sonho à vigília, a ideia de que o juízo a respeito da verdade factual esteja radicado, em última instância, no emocional e *onírico* pode parecer bizarra, mas com base nas premissas da teoria bioniana não é. Da “categorização somática emocional” (Grotstein, 2007, p. 301), ou seja, semiótica, ao conceito, não fazemos outra coisa senão conhecer a realidade simplificando-a e reduzindo-a a sistemas de relações (de *invariantes*).¹⁴

Retomando as imagens iniciais, a *grade* tem alguma coisa da qualidade de *tankishness* (Souter, 2009) que impregna todos os escritos de Bion e assim é um pouco mapa militar e um pouco batalha naval ou *jogo psicanalítico*. Com o cubo de Rubik, compartilha a dificuldade e a diabólica perfeição, com o diagrama cartesiano, o caráter especulativo, com o xadrez, a genial combinatória dos elementos.

Além do valor de tabela de Mendeleev dos elementos da psicanálise, o inestimável valor epistemológico, teórico e técnico da *grade* está, de um lado, na eficaz representação da continuidade entre inconsciente e consciente, visto que, para ser expressa, a posição de cada evento psíquico precisa de um parâmetro em abscissas (uso) e de um em ordenada (pensamento) e do outro, na articulação sintética e visualmente intuitiva de sonho, conhecimento e verdade.

Particularmente, à luz do que foi dito, percebe-se a importância da C2, porque ela zera de partida qualquer concepção absoluta, metafísica ou positivista da verdade e permite-nos captar o alcance do conceito aparentemente contraditório de pulsão de verdade na teoria de Bion. A coluna 2 é o pintor secreto da mente (Grotstein, 2007), o nosso Monet interno. □

¹⁴ Cfr. Grotstein (2007, p. 238): “A verdade, então, é a invariante e a emoção é o seu veículo ou continente”.

Abstract

The *grid* and the truth drive

Bion was the first to express dissatisfaction with the *grid*. Still, he attributed it a central role in some of his most important writings. In fact, the *grid* does not prove useful for the purposes for which it was created (to document the session, to enhance the observational ability of the analyst, etc.), but to understand and expand upon Bion's thinking. With intuitive adroitness, the *grid* depicts the dialectic relationship between the various concepts of Bion's theory of the mind. Especially column 2, timely reinterpreted by Grotstein as the dream column, helps grasp the significance that Bion assigned to the *truth drive*.

Keywords: Bion, column 2, alpha function, Bion, column 2, *grid*, lies, truth drive.

Resumen

La *tabla* y la pulsión de verdad

Bion ha sido el primero en expresar insatisfacción hacia la *tabla*. Sin embargo le asignó un rol central en algunos de sus escritos más importantes. De hecho, la *tabla* no se demuestra útil para los fines que se pensaba antes (es decir, registrar las sesiones, incrementar la capacidad de observación del analista, etc.), sino para comprender mejor y ampliar el pensamiento de Bion. Con intuitiva inmediatez, la *tabla* evidencia la escucha dialéctica que existe entre los varios conceptos de su teoría de la mente. En particular, la columna 2, convenientemente rebautizada por Grotstein como la columna del sueño, ayuda a coger el significado que Bion asigna a la *pulsión de la verdad*.

Palabras clave: Bion, columna 2, en función de α , mentira, pulsión de la verdad, tabla.

Referências

Bion, W. R. (1962). *Apprendere dall'esperienza*. Roma: Armando, 1972.

_____. (1963). *Elementi di psicoanalisi*. Roma: Armando, 1973.

_____. (1965). *Trasformazioni. Il passaggio dall'apprendimento alla crescita*. Roma: Armando, 1973.

- _____. (1967). *Analisi degli schizofrenici e metodo psicoanalitico*. Roma: Armando, 1970.
- _____. (1970). *Attenzione e interpretazione*. Roma: Armando, 1973.
- _____. (1973). Seminari brasiliani. In *Il cambiamento catastrofico*. Torino: Loescher, 1981.
- _____. (1977). La griglia. In *Il cambiamento catastrofico*. Torino: Loescher, 1981.
- _____. (1980). *Discussioni con W. R. Bion. Los Angeles, New York, São Paulo*. Torino: Loescher, 1984.
- _____. (1992). *Cogitations*. Roma: Armando, 1996.
- _____. (1997). La griglia. In *Addomesticare i pensieri selvatici*. Bologna: FrancoAngeli, 1998.
- _____. (2005). *Seminari Tavistock*. Roma: Borla, 2007.
- Borutti, S. (1999). *Filosofia delle scienze umane: le categorie dell'antropologia e della sociologia*. Mondadori: Milano.
- Botella, C. & Botella, S. (2001). *La raffigurabilità psichica*. Roma: Borla, 2004.
- Chantraine, P. (1999). *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck.
- Charles, M. (2002). Bion's grid: a tool for transformation. *J. Amer. Acad. Psychoanal.*, 30: 429-445.
- Civitarese, G. (2008). *L'intima stanza. Teoria e tecnica del campo analitico*. Roma: Borla.
- _____. (2011a). *La violenza delle emozioni. Bion e la psicoanalisi postbioniana*. Milano: Cortina.
- _____. (2011b). L'ipocondria e l'esilio. In V. Egidio Morpurgo & G. Civitarese (a cura di), *L'ipocondria e il dubbio. L'approccio psicoanalitico*. Milano: FrancoAngeli.
- Cortellazzo, M. A. & Zolli, P. (2008). *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli.
- Derrida, J. (1972). *La disseminazione*. Milano: Jaca Book, 1989.
- _____. (2005). *Breve storia della menzogna. Prolegomeni*. Roma: Castelvecchi, 2006.
- Dreyblatt, A. (1998-99). *The ReCollection Mechanism. Installation*. Recuperado em 30 out. 2010 <http://www.dreyblatt.de/html/art.php?id=97> .
- Ferro, A. (1992). *La tecnica nella psicoanalisi infantile. Il bambino e l'analista: dalla relazione al campo emotivo*. Milano: Cortina.
- _____. (2006). *Tecnica e creatività. Il lavoro analitico*. Milano: Cortina.
- Ferro, A. & Basile, R. (a cura di) (2009). *Il campo analitico. Un concetto clinico*. Roma: Borla, 2011.
- Freud, S. (1891). *L'interpretazione delle afasie. Uno studio critico*. Macerata: Quodlibet, 2010.
- _____. (1895). Progetto di una psicologia. In S. Freud, *O.S.F.*, 2.
- Green, A. (1993). *Il lavoro del negativo*. Roma: Borla, 1996.
- Grotstein, J. S. (2002). Commentary on «Bion's grid: A tool for transformation» (a cura di Marilyn Charles). *J. Amer. Acad. Psychoanal.*, 30: 447-450.

- _____. (2007). *Un raggio di intensa oscurità. L'eredità di Wilfred Bion*. Milano: Cortina, 2010.
- Hegel, G. W. F. (1807). *La fenomenologia dello spirito*. Torino: Einaudi, 2008.
- Kristeva, J. (1974). *La rivoluzione del linguaggio poetico*. Milano: Spirali, 2006.
- Lacan, J. (1986). *Il seminario. Libro VII. L'etica della psicoanalisi 1959-1960*. Torino: Einaudi, 2008.
- López-Corvo, R. E. (2002). *Dizionario dell'opera di Wilfred R. Bion*. Roma: Borla, 2006.
- Maeda, M. (2003). *Animatrix: o segundo renascimento*. Village Roadshow Pictures/Warner Bros. Pictures. 102 min. Animação/ficção científica.
- Meltzer, D. (1986). *Studi di metapsicologia allargata*. Milano: Cortina, 1987.
- _____. (1987). Il modelo della mente secondo Bion: note su função a, inversione della função alfa e griglia negativa. In C. Neri, A. Correale & P. Fadda, *Lecture Bioniane*. Roma: Borla, pp. 76-83.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Fenomenologia della percezione*. Milano: Bompiani, 2003.
- _____. (1964). *Il visibile e l'invisibile*. Milano: Bompiani, 2003.
- Ogden, T. H. (1989). *Il limite primigenio dell'esperienza*. Roma: Astrolabio, 1992.
- _____. (2001). *Conversazioni al confine del sogno*. Roma: Astrolabio, 2003.
- _____. (2005). *L'arte della psicoanalisi. Sognare sogni non sognati*. Milano: Cortina, 2008.
- Sandler, P. C. (2005). *The language of Bion*. London: Karnac.
- Souter, K. M. (2009). The war memoirs: Some origins of the thought of W. R. Bion. *Int. J. Psycho-Anal.*, 90: 795-808.

Recebido em 13/01/2013

Aceito em 13/03/2013

Tradução de **Susana Termignoni**

Revisão técnica de **Denise do Prado Bystronski**

Giuseppe Civitarese

1 Piazza A. Botta

27100 Pavia – Italy

e-mail: gcivitarese@gmail.com

© *Rivista di Psicoanalisi*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA